

NOVAS LINGUAGENS E A APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

Jaqueline Ribas da Silva
Ramiro Rocha Pereira¹

RESUMO

O uso de linguagens alternativas no Ensino de História tem sido muito utilizado como recurso didático. Dentre essas linguagens trataremos aqui de duas em específico, a música e os textos literários. E procuraremos analisá-las como documento histórico e objeto cultural, focando a necessidade de nos preocuparmos com a aprendizagem do aluno partindo da passagem de conceitos espontâneos para conceitos científicos. Acreditamos que essa primeira reflexão será uma contribuição para as pesquisas que têm procurado conhecer os saberes dos alunos e as características de sua consciência histórica em situações escolarizadas de ensino/aprendizagem da História.

Palavras-chave: 1)Linguagens Alternativas 2)Aprendizagem 3)História

Nossa proposta é discutir o uso de linguagens alternativas ao Ensino de História, como a música e os textos literários, analisando-as pela perspectiva da aprendizagem, pois a maioria dos estudos que tratam de História e novas linguagens referem-se ao ensino, onde oferecem modelos ao professor de como dar uma aula utilizando-as, e deixam de analisar o ensino de História a partir do ponto de vista do aluno, focalizando como ele aprende ou como ocorre o processo de construção do conhecimento histórico quando essas linguagens são utilizadas como recurso didático. No entanto, deve(r)mos esclarecer que os aspectos no âmbito do ensino e da aprendizagem em História são atrelados com a pesquisa histórica.

Antes de iniciarmos a discussão central desse texto, devemos ter em mente que a utilização de novas linguagens na pesquisa historiográfica emerge por volta da segunda década do século XX a partir da Escola dos Annales, e que “até esse momento vigorava uma concepção científica do conhecimento, como algo neutro e objetivo” (Guerra & Diniz, 2007: 127). Assim, constatamos que foi com os Annales que surgiram novas propostas teórico-metodológicas nas abordagens históricas, pois antes disso a noção de documento era bastante restrita. Mesmo com a utilização de novas linguagens e não

¹ Alunos do terceiro ano do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL, bolsistas de Iniciação Científica, PIBIC/UFMS, orientados pela Prof^a Maria Aparecida Lima dos Santos.

somente dos documentos oficiais devemos lembrar que nenhum documento é neutro, existindo assim a necessidade de interrogá-los e não vê-los como verdade absoluta.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. (...) O documento não é inócuo. É antes de mais nada uma montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente (LE GOFF apud GUERRA & DINIZ, 2007: 130-131).

Dessa forma, analisaremos a música e os textos literários, os quais se apresentam como exemplos de linguagens alternativas, pensados como documentos e objetos culturais que carregam marcas e características de seus tempos; documentos deixados consciente ou inconscientemente pelos autores.

Partindo para a discussão dessas fontes enquanto alternativas didáticas, essas linguagens transformam-se em recurso didático na medida em que são chamadas para responder perguntas adequadas aos objetivos da História ensinada. Um desses objetivos é o de promover o desenvolvimento da consciência histórica a partir do processo de transformação de conceitos espontâneos em conceitos científicos².

Uma série de artigos acadêmicos tem apontado que as utilizações de linguagens alternativas ao ensino de História são importantes recursos didáticos para a sua aprendizagem. Percebemos isso nos dizeres de Guerra & Diniz:

As considerações e os questionamentos que levaram à ampliação de temáticas e fontes que constituem o conhecimento histórico – e que se desdobram em diversas linguagens – foram fundamentais para a melhoria da qualidade do ensino, pois contribuíram para que o professor pudesse “sair da rotina”, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico (2007: 128-129).

Partindo disso percebemos que as produções que analisam as novas linguagens, especificamente a música e os textos literários priorizam o ponto de vista do ensino, e são de grande importância para a formação do professor e para a prática do mesmo em

*Alunos do terceiro ano do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL, bolsistas de Iniciação Científica, PIBIC/UFMS, orientados pela Prof^a Maria Aparecida Lima dos Santos.

² Entendemos por conceitos espontâneos o que Kátia Maria Abud nos aponta, sendo eles resultados da “vivência cotidiana do aluno, seus contatos pessoais com familiares, amigos, a interação com a mídia” (2005: 312) sendo eles carentes de formas de explicação construídas no processo de aprendizagem formal; e por conceitos científicos o resultado da aprendizagem formal com os instrumentos que levaram à construção dos conceitos espontâneos.

sala de aula, mas nos resta saber como o aluno processa essas informações dadas por músicas e trechos literários e as utiliza no desenvolvimento de sua consciência e na construção de seu conhecimento histórico.

Assim, é possível levantar a hipótese de que o aluno, nas situações em que as novas linguagens são utilizadas como recurso didático, se identifique com o assunto, podendo transformar seus conceitos espontâneos em conceitos científicos.

Algumas pesquisas já vislumbram a questão da aprendizagem. Zamboni (1998), apesar de fazer uma análise de várias formas de comunicação, como a fotografia e o livro paradidático, mostra, por meio de experiências citadas pela mesma uma relação do meio social com a capacidade de representação das linguagens analisadas, ou seja, quando o indivíduo se depara com uma determinada imagem ou texto, segundo as concepções da autora, ele fará uma representação dos mesmos que estará ligada ao seu contexto social.

Segundo as conclusões da autora “se o texto é formado por um conjunto de representações e com a ausência de significados não há aprendizagem” (ZAMBONI, 1998: 180), ou seja, se você usa um texto literário, uma música, ou qualquer outro tipo de linguagem, na aula de História que não possui significado para o aluno, não haverá aprendizagem. Fica claro que é necessário conhecer o aluno, e suas formas de representação da realidade para efetivamente possibilitar que ele construa seu conhecimento histórico.

Outro conceito que podemos destacar nos contextos didáticos nos quais novas linguagens são utilizadas é o de evidência, como aponta Abud:

A produção cultural, que se expressa por meio de diferentes linguagens, transforma-se em evidência quando, de material original, isto é, de produção não-intencional para finalidades pedagógicas, passa a ser um instrumento para o desenvolvimento de conceitos na aula de História (2005: 312).

Oliveira, ao discutir Vygotsky, diz que “é o grupo cultural, onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão construir instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo”. (1993: 36). Esses instrumentos são elementos externos ao indivíduo, que servem para provocar mudanças nas ações concretas do mesmo. A música e textos literários são instrumentos em potencial para contribuir no desenvolvimento do conhecimento histórico do aluno.

Pensando nessas novas linguagens apontadas como manifestação cultural, percebemos nos dizeres de Cunha que:

(...) tudo aquilo que o homem elabora a nível de representação humana contém uma grande carga de expressão cultural. Assim, podemos afirmar que as construções realizadas sob a influência da sociedade em que se vive se constituem em símbolos que expressam a cultura e a consciência dessa mesma sociedade (1996: 56).

E é assim que entendemos a música e os textos literários como documentos históricos possuidores de significações e de testemunhos conscientes ou inconscientes que podem e devem ser usados no ensino de História.

Com a proposta de utilizar a música e os textos literários como linguagem cultural no ensino de História, devemos lembrar que os mesmos não devem ser utilizados apenas como ilustração. Fonseca evidencia essa preocupação com relação às novas linguagens:

(...) em alguns casos estas são utilizadas apenas como ilustração do conteúdo tradicional, não havendo trabalho de reflexão sobre a natureza das linguagens, suas especificidades, seus limites, e sobre os elementos históricos que as constituem (apud CUNHA, 1996: 59).

A utilização das novas linguagens tem ocorrido no contexto da renovação das práticas de ensino em sala de aula, e tendem a alcançar um novo ensino calcado na reflexão e no debate. Segundo Abud, “as chamadas linguagens alternativas para o ensino de história mobilizam conceitos e processam símbolos culturais e sociais, mediante os quais apresentam certa imagem do mundo” (2005: 310). Nesse ponto, apoiados na fala de Oliveira, recorremos ao pensamento de Vygotsky para falar da linguagem enquanto mediação simbólica. De acordo com esse autor, o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve fornece formas para construir instrumentos de mediação. Assim:

É a partir de sua experiência com o mundo objetivo e do contato com as formas culturalmente determinadas de organização do real (e com os signos fornecidos pela cultura) que os indivíduos vão construir seu sistema de signos, o qual consistirá numa espécie de ‘código’ para decifração do mundo (OLIVEIRA, 1993: 37).

Moraes (2004), por exemplo, nos traz reflexões interessantes sobre a questão do ensino voltando a atenção para a relação entre a literatura e o aluno na aprendizagem em História vendo essa linguagem como objeto mediador.

Para compreendermos como se dá o processo de aprendizagem por meio desse tipo de linguagem, é necessário conhecermos um pouco da relação que essa estabelece com o pensamento.

O pensamento não é expresso simplesmente em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema. Esse fluxo de pensamento corre como um movimento interior através de uma série de planos. Uma análise da interação do pensamento e da palavra deve começar com uma investigação dessas fases e dos planos diferentes que um pensamento percorre antes de ser expresso em palavras. (OLIVEIRA, 1993: 54).

A aprendizagem, tendo em vista o trecho destacado acima, deve ser acompanhada pela linguagem que, por sua vez, mantém relações profundas com o pensamento. Analisando o desenvolvimento do pensamento do indivíduo pela linguagem, levando em conta suas várias dimensões (escrita, oral etc.), podemos estudar as fases que levam esse pensamento a se concretizar em forma de palavras.

A linguagem é um sistema simbólico. Sendo assim a música e os textos literários também são. Eles contribuem para que o aluno construa conceitos, tornando-se, dessa forma, um instrumento do pensamento. Assim entendemos que “a linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento” (OLIVEIRA, 1993: 43).

Segundo Vygotsky a linguagem possui a função de intercâmbio social e pensamento generalizante, e é pela linguagem que podemos nos comunicar e manter relações com indivíduos e coisas. No pensamento generalizante o indivíduo possui certo conjunto de elementos do mundo real que dependem de suas experiências. Ao olharmos para essas linguagens acreditamos que elas, com suas funções de intercâmbio social e de pensamento generalizante, podem auxiliar como mediadoras na aprendizagem em História.

Percebendo que as linguagens que apontamos agem como instrumentos mediadores na relação aluno e pensamento histórico, a partir do uso dessas linguagens no Ensino de História, é possível percebermos que o conhecimento histórico “é a principal ferramenta na construção dessa consciência histórica, que articula o passado com as orientações do presente e com as determinações do sentido com as quais o agir humano organiza suas intenções e expectativas no fluxo do tempo” (ABUD, 2005: 28)

Pretendemos, portanto, em momento posterior, analisar as fases do desenvolvimento da consciência histórica, levando em consideração a utilização da música e dos textos literários, e da análise de textos produzidos pelos alunos no decorrer da pesquisa, em que os alunos expressarão o que sabem antes e depois da mediação dessa linguagem no processo de construção de conceitos históricos.

Vale lembrar que entendemos aqui como consciência histórica aquilo que o aluno já possui em conhecimento de mundo, ou seja, o aluno, assim como qualquer indivíduo, possui uma determinada maneira própria de ver as relações entre os homens e como elas se dão em relação ao tempo, portanto não é um ser desprovido de consciência. Assim:

(...) a consciência histórica funciona como um 'modo específico de orientação' nas situações reais da vida presente, tendo como função específica ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente (RÜSEN apud SCHMIDT & GARCIA, 2005: 301).

Ao evidenciarmos o desenvolvimento do aluno, nas pesquisas a serem desenvolvidas, podemos contribuir bastante para a prática docente que não se resume apenas em modelos os quais nos utilizamos para dar aulas sem levar em consideração como o aluno aprende e como é o processo de desenvolvimento da consciência histórica.

Muito embora possamos encontrar bibliografias que apontem aspectos da aprendizagem em contextos didáticos em que se utilizam essas novas linguagens como recurso, ainda são poucos os estudos que examinam esse aspecto. Entretanto, percebemos, sim, que há diversas pesquisas que ressaltam esse potencial do ponto de vista do ensino.

Tendo em vista a escassez de estudos que investigam essas novas linguagens como documento histórico do ponto de vista da aprendizagem e considerando a relevância em utilizá-las como recurso didático, a nossa intenção é fazer um primeiro mapeamento dos processos cognitivos que ocorrem na interação do aluno com a música e os textos literários, a partir da análise de textos escritos produzidos por crianças e adolescentes da escolaridade de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Com base no que foi exposto acreditamos ser relevante o estudo da música e dos textos literários como linguagens no ensino de História, analisando-as como documento e objeto carregado de significações, onde se tornam mediadores na relação dos alunos com o conhecimento histórico.

A intenção dessa problemática é a de partirmos do Ensino de História pautado nas novas linguagens para procurar entender como ocorre esse processo de aprendizagem.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ABAURRE, Maria Bernardete M.; FIAD, R. S. & MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas de aquisição da escrita**. Campinas: ALB: Mercado das Letras, 1997.

ABUD, Kátia Maria. *Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de História*. In: **Caderno Cedes**. Campinas, vol. 25, n. 67, p. 309-317, set./dez. 2005.

_____. *Processos de construção do saber histórico escolar*. In: **História & Ensino**. Londrina. V.11. 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004

CAMPOS, Denise Álvares. As linguagens artísticas na escola: alternativas para um trabalho integrado. **Revista Solta a Voz**, Vol. 19, N. 2. 2008

CONTIER, Arnaldo D. *Música e ideologia no Brasil*, São Paulo, Novas Metas, 1985

CUNHA, Maria de Fátima da. **Cantando o Brasil Pós 64**. In: **História & Ensino**, Londrina. V. 02. 1996.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Pensar a História, Repensar o seu ensino: a disciplina de História no 3º ciclo do ensino básico: alguns princípios orientadores da metodologia de ensino**. Porto: Porto Editora, 1994.

FERREIRA, Martins. **Como usar a Música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

GUERRA, Fabiana de Paula & DINIZ, Leudjane Michelle Viegas. *A incorporação de outras linguagens ao ensino de História*. In: **História & Ensino**. Londrina, v.13. 2007.

MEIRELLES, Willian Reis. Ler, ouvir, e ver. A revolução documental na pesquisa histórica, um abordagem das formas de construção da História. In: **História & Ensino**, Londrina, v. 8. 2002

MORAES, Dislane Zerbinatti. Narrativa literária e narrativa histórica: um estudo sobre as questões do ensino de história. In: **XVII Encontro Regional de História - O lugar da História**. 2004, Campinas. XVII Encontro Regional de História - O lugar da História.. Campinas : Unicamp - ANPUH, 2004. v. CD-ROM

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música: canção popular e conhecimento histórico**. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2000, vol.20, n.39, pp. 203-221. ISSN 0102-0188. doi: 10.1590/S0102-01882000000100009.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky – uma perspectiva sócio-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes. 2001.

RÜSEN, Jorn. **Razão histórica – teoria da histórica: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: EdUnb, 2001a.

_____. *Perda de sentido e construção de sentido no pensamento histórico na virada do milênio*. In: **História – debates e tendências**. Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 9-22, dezembro, 2001b.

SAUTCHUK, Inez. **A produção dialógica do texto escrito – um diálogo entre o escritor e o leitor interno**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

SANTOS, Maria Aparecida Lima dos. *Língua escrita e consciência histórica em produções de crianças e adolescentes*. **Revista História & Ensino** (UEL), v. 13, p. 177-202, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos & GARCIA, Tânia Maria F. Braga. *A Formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história*. In: **Caderno Cedes**. Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAMBONI, E. **Representações e Linguagens no ensino de História**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 89-102, 1999.